

ninha, não era a mesma de sempre. Com lágrimas nos olhos alçou-os aos céus, pedindo misericórdia ao Todopoderoso, quando percebeu na obscuridade do firmamento uma formosa estrela, uma formosa estrela de cor de ouro, que caminhava junto com ele, enviando à terra um delicado jorro de luz que servia de guia e de tocha. Deu graças ao Senhor por aquela maravilha, e a pouco distância, como em outro tempo a do profeta Balaão, sua cavalgadura recusou-se ir adiante, e lhe disse com clara voz de homem mortal: – Considera-te feliz, irmão Longinos, pois por tuas virtudes foste assinalado para um prêmio portentoso. Nem bem havia acabado de ouvir isto, quando sentiu um ruído, e um grande ondeado de aromas invulgares. E viu vir pelo mesmo caminho que ele seguia, e guiados pela estrela que ele acabava de admirar, a três senhores esplendidamente ataviados. Todos três tinham porte e insígnias reais. O da frente era loiro como o anjo Azrael; sua cabeleira larga se espargia sobre seus ombros, debaixo de uma mitra de ouro constelada de pedras preciosas; sua barba urdida com pérolas e fios de ouro resplandecia sobre seu peito; ia coberto com um manto aonde estavam bordados, de riquíssima maneira, aves peregrinas e signos do zodíaco. Era o rei Gaspar, cavaleiro em um belo cavalo branco. O outro, de cabeleira negra, olhos também negros e profundamente brilhantes, rosto semelhante aos que se vêem nos baixos relevos assírios, cingia sua fronte com um magnífico diadema, vestia vestuário de incalculável preço, era um tanto velho, e dir-se-ia, com só mirá-lo, ser o monarca de um país misterioso e opulento, do centro da terra asiática. Era o rei Baltasar e levava um colar de gemas cabalísticas que terminava em um sol de fogos de diamantes. Ia sobre um camelo caparazado e adornado ao modo oriental. O terceiro era de rosto negro e mirava com singular ar de majestade; formavam-lhe um resplendor os rubis e esmeraldas de seu

turbante. Como o mais soberbo príncipe de um conto, ia numa lavrada cadeira de marfim e ouro sobre um elefante. Era o rei Melchior. Passaram suas majestades e em seguida ao elefante do rei Melchior, com um não usual trotezinho, a burrinha do irmão Longinos, quem, cheio de mística complacência, debulhava as contas de seu largo rosário.

E sucedeu que – tal como nos dias do cruel Herodes – os três coroados magos, guiados pela estrela divina, chegaram a um presépio, aonde, como o pintam os pintores, estava a rainha Maria, o santo senhor José e o Deus recém nascido. E próximo, a mula e o boi, que entibiam com o calor sadio de seu alento o ar frio da noite. Baltasar, prostado, derramou junto ao menino um saco de pérolas e de pedras preciosas e de pó de ouro; Gaspar em jarras douradas ofereceu os mais raros unguentos; Melchior fez sua oferenda de incenso, de marfins e de diamantes...

Então, desde o fundo de seu coração, Longinos, o bom irmão Longinos, disse ao menino que sorria:

– Senhor, eu sou um pobre servo teu que em seu convento te serve como pode. Que vou te oferecer, pobre de mim? Que riquezas tenho, que perfumes, que pérolas e que diamantes? Toma, senhor, minhas lágrimas e minhas orações, que é tudo o que posso oferecer-te.

E foi aí que os reis do Oriente viram brotar dos lábios de Longinos as rosas de suas orações, cujo odor superava a todos os unguentos e resinas; e cair de seus olhos copiosíssimas lágrimas que se convertiam nos mais radiosos diamantes por obra da superior magia do amor e da fé; tudo isto enquanto se

ouvia o eco de um coro de pastores na terra e a melodia de um coro de anjos sobre o teto do presépio.

Entretanto, no convento havia a maior desolação. Era chegada a hora do ofício. A nave da capela estava iluminada pelas chamas dos círios. O abade estava em seu assento, aflito, com sua capa de cerimônia. Os frades, a comunidade inteira, entreolhavam-se com surpreendida tristeza. Que desgraça terá acontecido ao bom irmão? Por que não voltou da aldeia? E é já a hora do ofício divino, e todos estão em seu posto, menos quem é glória de seu mosteiro, o singelo e sublime organista... Quem se atreve a ocupar seu lugar? Ninguém. Nenhum sabe os segredos do teclado, nenhum tem o dom harmonioso de Longinos. E como ordena o prior que se proceda a cerimônia, sem música, todos começam o canto dirigindo-se a Deus cheios de uma vaga tristeza... De repente, nos momentos do hino, em que o órgão devia ressoar... ressoou, ressoou como nunca; seus baixos eram sagrados trons; suas trombetas excelsas vozes; seus tubos todos estavam como animados por uma vida incompreensível e celestial. Os monjes cantaram, cantaram, cheios do fogo do milagre; e aquela Noite Feliz, os camponeses ouviram que o vento levava desconhecidas harmonias do órgão conventual, daquele órgão que parecia tocado por mãos angélicas como as delicadas e puras da gloriosa Cecília...

O irmão Longinos de Santa Maria entregou sua alma a Deus pouco tempo depois; morreu em estado de santidade. Seu corpo se conserva ainda incorrupto, enterrado debaixo do coro da capela, em uma tumba especial, lavrada em mármore.

Rubén Dario (Félix Rubén Garcia y Sarmiento, 1867/1916): de Cuentos Completos, Fondo de Cultura Económica, México, 1988



Não acumule leitura, coleciona Cultura!

Assine ou renove sua assinatura.

* Envie 12 selos de R\$ 0,22 e receba mensalmente em sua casa sua Seleções em Folha até Dezembro de 1999!

O LECTOR PODE TAMBÉM COMEÇAR A FAZER HAICAIS E A ENVIÁ-LOS!
COM O TEMPO E ORIENTAÇÕES DIRETAS, TODOS NÓS CHEGAMOS LÁ
– O “DIFÍCIL” NO HAICAI NÃO É FAZÊ-LO: É COMPREENDÊ-LO!
NÃO PRECISA SER OBRA PRIMA – NÓS VAI EXPLICANDO!

Boas Festas pra todo o Mundo!

Larissa Lacerda Menendez
 Lívia Lacerda Menendez
 Maria Bracema Gomes Lacerda Menendez
 Emanuel Fernandes Menendez

KIDAIKS DE VERÃO

Pobre dos meus livros!... Estão todos corroidos. Vou dar fim às traças. Agostinho José de Souza	Em suor me desfaço... – fim de ano, um clima tirano, prostante mormaço. Fernando L. de A. Soares	Cantando o verão pernilongo sobrevoa sua próxima vítima. Maria de Jesus B. de Mello
Estou no quintal colho frutas bem maduras. Ai! sai, pernilongo! Albertina C. G. dos Santos	Canta a trovada, surgem riachos na rua, Há som de toró. Fernando Vasconcelos	Os pernilongsos em sinfonia noturna. Cadê o maestro? Nadyr Leme Ganzert
Palavras tão belas festando um nascimento! Cartão de Natal... Alda Corrêa Mendes Moreira	Ao nascer do sol girassol acorda e dança no ritmo da luz... Heloisa Sauerbronn Brandão	Olhos grandes, ávidos. Num cartão de Natal pulsa a fraternidade. Nilton Manoel Teixeira
Sem o sol, se curvam gigantescos girassóis... Morrem, de paixão! Amália Marie G. Bornheim	Cartão de Natal. Boas Festas, Ano Novo. Sonho de todos. Hélcio Durso	Jovens tomando sorvete entre risos e beijos... Olíria Alvarenga
Verde pinheiro pedaços de cartolina cartão de Natal. Carlos R. Barbosa de Jesus	Noite interminável com solos de violino... pernilongo às soltas. Humberto Del Maestro	Lençol manchado lem- branças da noite passada pernilongo camicase. Paulo Alfredo Feitoza Bohm
Abraço sorrindo meu sujo Papai Noel e fecho o batê. Clície Pontes	O mormaço vem mas a chegada da chuva ameniza o dia. João Batista Serra	O casal feliz no jardim da nova casa planta amor-perfeito. Sérgio Bernardo
Bem antes de mim a traça experimentou a blusa de lã. Clóvis Moreira Santos	Pinheiro na neve de um dezembro tropical a paz por inteiro. José Walter da Fonseca	Tarde ensolarada. No parque as crianças brincam e tomam sorvete. Sueli Teixeira
O natal chegando. Sons de bronze pelo ar: é o sino que tange... Djalda Winter Santos	Bodas ao ar livre. Luxo. Fatura. Num: – Oh! torô arrazante! Leonilda Hilgenberg Justus	Seca solidão. Flores de mandacaru – doce companheira. Teruko Oda
Triste, pensativo, o olhar do menino pobre... Tempo de Natal. Douglas Eden Brotto	Vento já nem anda... Com mormaço, nem almoço. Sentado na varanda... Luis Koshitiro Tokutake	Longas samambaias junto aos meus cabelos. Cabeleira verde. Thereza Costa Val
Do suor do rosto cai um pingo no sorvete: sabor agradável. Edmar Japiassú Maia	Intenso toró... Pessoas limpam a tampa sabor agradável. Marcelino R. de Pontes	Desagrada a todos. Rara e rendilhada obra. Mas a aranha tece. Yara Shimada Brotto



Kigos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.01.99:

Bolha de Sabão, Flamboiã, Sabiã.

Até o dia 10.02.99:

Água de Coco, Formiga, Reveillon.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra de sazão. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
 Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
 01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Entregá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.



IPÊS EM FOLHA

Com manto lílãs, uma buganvília encobre, a casinha humilde. Maria Reginato Labruciano	Horta da fazenda. Entre as folhas de almeirão, olhinhos de rã. Sergio de Jesus Luizato	Dia da Amazônia. Floresta pede socorro: sinais de fumaça. Renata Paccolla
À luz do luar, sarau, à beira do lago. Orquestra de rãs. Maria Reginato Labruciano	Dia da Amazônia: por mais um ano de vida, floresta agradece. Renata Paccolla	Passa o chuveiro. Do gramado molhado brotam ranzinhas. Neide Rocha Portugal
Sons desafinados... No palco do brejo ecoa um coral de rãs... Ercy M. M. de Faria	Sob a luz da lua lago tem seu espetáculo: Recital de rãs... M. U. Moncam	A rã solitária... Será que canta ou que chora, em cima da pedra? Darly O. Barros
Um arco de flores colore a velha porteira. Belas buganvílias! Edel Costa	Seresta no brejo, Coaxa a noite interminha conjunto de rãs. José N. Reis	Cinco de Setembro, choram árvores cortadas. Dia da Amazônia. Analice Feitoza de Lima
Grinalda lílãs emoldurando o portão... – Buganvília em flor! Maria Madalena Ferreira	Na praça central buganvília toda em flor: Um cartão postal! Mariemy Tokummu	Sabonete escuro no chuveiro do chalé: desfarce da rã. Renata Paccolla
Luar na lagoa. Querendo alcançar a lua, rã pulou profundo! Olga dos Santos Bussade	Dia da Amazônia. Debaixo da buganvília, descansa uma rã!... Hermoclydes S. Franco	Natureza em festa: sinfonia pantaneira no cio das rãs. Darly O. Barros
Velhas buganvílias inclinadas sobre o muro – guardas da mansão. José N. Reis	No coaxar das rãs, noturna polifonia musicando o charco... Santos Teodósio	Ao pisar num galho, sucessão de pulos n'água das atentas rãs... M. U. Moncam
Noites de verão... – Pelas margens da lagoa as rãs fazem festa! Maria Madalena Ferreira	Beija-flores brincam na buganvília florida: namoros recentes... Alba Christina	Rã à beira d'água dormita aquecida ao sol. Rumorio do córrego. Olga Amorim
No lago silente pensamentos invadidos. Uma rã mergulha. Neide Rocha Portugal	Dia da Amazônia. templo verde da esperança... Nossas reverências! Ercy M. M. de Faria	Buganvília adulta dá bom-dia à primavera, vestida de flores!... Hermoclydes S. Franco
	Só danças chorosas na mansidão do regato; lamento de rãs. Elen de Novais Felix	No jogo da vida uma rã pula e se joga na boca da cobra. João Elias dos Santos